



Adaptação: Sueli Maria de Regino

## OS SETE CORVOS

Um casal tinha sete filhos homens e queria muito ter uma menina. Um belo dia, finalmente, nasceu a criança que tanto haviam esperado. Mas era tão miúda e fraquinha que todos pensaram que não iria sobreviver. Por isso, seu pai resolveu que deviam logo batizá-la e mandou o filho mais velho ir até a fonte, buscar água para o batismo.

Os outros irmãos foram correndo atrás do mais velho e quando chegaram à fonte, como cada um queria ser o primeiro a pegar a água, acabaram se atrapalhando e deixaram as jarras caírem no fundo do poço.

Perdidas as jarras, os sete irmãos, sem coragem de voltar para casa e enfrentar o pai, continuaram por ali, pensando no que iam dizer quando voltassem. Enquanto isso, o pai, cada vez mais impaciente com a demora, começou a pensar que os garotos haviam se atrasado por causa de alguma brincadeira. Depois de esperar muito tempo, o pai, enfurecido, com medo de ver a menina morrer sem ser batizada, amaldiçoou seus sete filhos, dizendo:

— Tomara que virem corvos!

Mal o pai acabou de dizer essas palavras, ouviu um farfalhar de asas. E quando olhou para cima, viu sete corvos negros, voando em círculos sobre a casa. Arrependido, o homem tentou quebrar a terrível maldição, mas não conseguiu. Os meninos, transformados em corvos, voaram para longe e nunca mais voltaram. Quanto à menina, por sorte sobreviveu e se tornou uma criança linda.

O tempo passou. Como os pais nunca tocavam no assunto, a menina cresceu sem saber nada dos irmãos. Um dia, porém, ela ouviu algumas pessoas falando sobre o que havia acontecido e ficou muito aflita. Correu para perguntar aos pais se era verdade o que diziam e eles não puderam continuar guardando segredo.

O pai disse à menina que não devia se culpar pelo que havia acontecido, mas ela não parava de pensar nos irmãos. E foi assim que, uma noite, a menina fugiu de casa, decidida a procurar os sete corvos e libertá-los da maldição.

A menina levou muito pouco para a viagem: só um anelzinho, lembrança da mãe; um pedaço de pão, para comer quando estivesse com fome; uma garrafinha com água, para matar a sede e uma cadeirinha, para descansar quando estivesse cansada de caminhar.

Durante muitos dias a menina andou e andou, em direção às terras do fim do mundo. Sempre caminhando, chegou bem perto do Sol. Viu que ele era quente e mau, pois comia suas criancinhas, e fugiu. Correu em direção à Lua, mas quando se aproximou sentiu muito frio e compreendeu que a Lua também era cruel, pois, assim que a viu, disse:

— Hummm, sinto cheiro de carne e sangue!

Então a menina saiu correndo para bem longe, até chegar ao lugar onde estavam as estrelas, sentadas cada uma em sua própria cadeira. A menina se aproximou, pegou a cadeirinha que levava e se sentou entre elas.

As estrelas a trataram com carinho e disseram que os sete corvos moravam na montanha de vidro. Então, a estrela da manhã deu à menina um ossinho de galinha, dizendo que, com aquele ossinho ela conseguiria abrir a porta e entrar na montanha, onde estavam os irmãos. A menina agradeceu à

estrela, embrulhou o ossinho em um lenço, e continuou seu caminho, até encontrar a montanha de vidro.

Ao chegar à entrada, viu que a porta estava trancada e procurou o lenço, onde havia guardado o ossinho, mas viu que havia perdido o presente dado pelas estrelas.

O que poderia fazer agora? Como salvar os irmãos, sem a chave da montanha de vidro? Então, a boa irmãzinha pegou uma faca, cortou um de seus dedinhos e o colocou na fechadura da porta que, felizmente, se abriu. Assim que entrou, um anão veio ao seu encontro e perguntou:

— Minha criança, o que você está procurando?

E a menina respondeu:

— Procuo meus irmãos, os sete corvos.

O anão disse que os senhores corvos não estavam em casa, mas se ela quisesse esperar por eles, podia entrar. Ele estava preparando o jantar e quando a comida ficou pronta, trouxe para a mesa sete pratinhos e sete copinhos com a comida e a bebida dos corvos. A irmã provou um pouco de cada prato, bebeu um gole de cada copo, e dentro do último copo, deixou cair o anelzinho que trazia no dedo.

De repente, a menina ouviu asas esvoaçando, o crocitar de corvos e, logo em seguida, o anãozinho anunciou:

— Os senhores corvos estão chegando!

Um minuto depois, sete corvos entraram voando pelas janelas, com fome e sede, querendo comer e beber. Foram para a mesa onde estava servido o jantar, mas assim que tocaram a comida, um depois do outro, todos perguntaram:

— Quem comeu no meu prato? Quem bebeu no meu copo? Foi boca de gente! Foi boca de gente!

Quando o sétimo corvo acabou de beber, encontrou o anel no fundo do copo. Examinou a joia e logo a reconheceu: aquele anel era de sua mãe. Então, com um grande suspiro, falou:

— Ah, se nossa irmã pudesse vir até aqui, ela nos libertaria.

Ao ouvir as palavras do irmão, a menina, que estava escondida atrás da porta, apareceu diante deles e, no mesmo instante, todos os corvos se transformaram, recuperando a forma humana. Os irmãos se abraçaram e se beijaram. Depois, muito felizes, deixaram a montanha de vidro e voltaram para a casa de seus pais.

Este texto é parte integrante da  
Biblioteca Bilíngue de Literatura Infantil e Juvenil - Libras/Português

Acesse pelo site: [www.bibliolibras.com.br](http://www.bibliolibras.com.br)

Direitos Autorais 2016 Copyright® Os textos das adaptações em Libras e Português da Biblioteca Bilíngue de Literatura Infantil e Juvenil – Libras/Português podem ser utilizados, reproduzidos e divulgados livremente, com citação da fonte.